

A MÃE MORTA

Emerson Rogério de SOUZA
Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA)
e-mail: emerson.souza@feata.edu.br

Felipe Mio de CARVALHO
Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA)
e-mail: fmiocarvalho@hotmail.com

EIXO: Ciências Humanas

RESUMO

O conceito de **mãe morta**, formulado por André Green no início da década de 1980, descreve o impacto psíquico sofrido pela criança quando a mãe, embora fisicamente presente, torna-se afetivamente inacessível em decorrência de um episódio depressivo ou de luto não elaborado. A vivência desse afastamento emocional instaura uma experiência traumática silenciosa, marcada pela perda do investimento libidinal e pela constituição de um vazio narcísico. **Método:** trata-se de uma pesquisa teórica qualitativa, de natureza bibliográfica, baseada em obras clássicas da psicanálise — especialmente de Freud, Winnicott, Lacan, Kristeva, McDougall, Figueiredo e Voltolini — com análise metapsicológica do conceito. **Resultados:** evidenciou-se que o complexo da mãe morta constitui um paradigma para compreender as patologias do vazio e do desamparo na clínica contemporânea, articulando-se à melancolia freudiana, à falha de sustentação winnicottiana e à noção lacaniana de falta. **Conclusão:** o manejo clínico exige que o analista sustente o “trabalho do negativo”, favorecendo a transformação do vazio mortífero em possibilidade simbólica de criação.

Palavras-chave: mãe morta; André Green; psicanálise contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de **mãe morta**, cunhado por André Green (1988), representa um marco na teoria psicanalítica contemporânea ao deslocar o foco da perda real do objeto — como ocorre no luto diante da morte concreta — para a experiência de uma presença corporal esvaziada de investimento libidinal. Trata-se de um trauma silencioso: a mãe permanece fisicamente presente, mas sua afetividade e responsividade emocional se encontram profundamente comprometidas em razão de uma depressão, de um luto não elaborado ou de outras condições psíquicas que inviabilizam o vínculo vital.

Nessa circunstância, a criança se depara com uma ausência na presença, experiência que congela a simbolização e instaura um vazio narcísico de difícil elaboração. A “morte” referida por Green (1988) não é biológica, mas libidinal — um desinvestimento que transforma o objeto amado em uma figura sem vida psíquica, internalizada como um núcleo morto.

Essa formulação dialoga diretamente com **Luto e melancolia**, de Freud (2011), em que a introjeção patológica do objeto perdido conduz o sujeito a um empobrecimento narcísico. Green (1988) radicaliza essa ideia ao mostrar que não é necessária a morte real do objeto para que se produza devastação subjetiva; basta o esvaziamento libidinal.

Autores como Winnicott (1999), Lacan (1998), Kristeva (1989) e McDougall (1991) ampliam esse debate, cada qual iluminando aspectos distintos do fenômeno. No Brasil, Figueiredo (1999) e Voltolini (2005) atualizam a discussão, relacionando o conceito à fragilidade dos vínculos afetivos e ao predomínio de subjetividades marcadas pela ausência e pelo desamparo.

2 OBJETIVO

O presente artigo tem por objetivo analisar o conceito de **mãe morta** sob o ponto de vista metapsicológico, identificando suas principais implicações clínicas e teóricas na psicanálise contemporânea. Busca-se, ainda, articular o pensamento de Green às contribuições de Freud, Winnicott, Lacan, Kristeva, McDougall e autores brasileiros, evidenciando a relevância do tema para a compreensão das patologias do vazio e do desamparo no contexto atual.

3 MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa adota uma **metodologia qualitativa** de caráter **teórico-bibliográfico**, apoiando-se na análise de textos psicanalíticos clássicos e contemporâneos. As obras selecionadas foram:

- a) Narcisismo de vida, narcisismo de morte (GREEN, 1988);
- b) Luto e melancolia (FREUD, 2011);
- c) Privação e delinquência (WINNICOTT, 1999);
- d) Escritos (LACAN, 1998);
- e) Sol negro: depressão e melancolia (KRISTEVA, 1989);
- f) Teatros do corpo (MCDUGALL, 1991);
- g) Psicanálise: aspectos clínicos e institucionais (FIGUEIREDO, 1999);
- h) Figuras do excesso (VOLTOLINI, 2005).

A análise foi conduzida com base na perspectiva metapsicológica, considerando três eixos:

- a) O investimento libidinal inicial e idealizado na figura materna viva;

- b) A brusca retirada desse investimento e a consequente falência simbólica;
- c) As reações subjetivas da criança, como a raiva destrutiva, a tentativa de reanimação maníaca da mãe e a identificação com o vazio.

4 DESENVOLVIMENTO

4.1 A MÃE VIVA-IDEAL E A CONSTITUIÇÃO DO VÍNCULO LIBIDINAL

Segundo Green (1988), a criança, em suas fases iniciais, investe intensamente a mãe como objeto de amor e fonte de vitalidade psíquica. Trata-se da “mãe viva-ideal”, figura que sustenta a coesão narcísica e a continuidade do ser. Esse investimento libidinal primário é a base sobre a qual o eu em constituição se ancora.

Contudo, quando a mãe atravessa um estado depressivo, de luto ou retraimento afetivo, esse fluxo libidinal é abruptamente interrompido. A criança, ainda incapaz de simbolizar a perda, vive a experiência como uma catástrofe interna. O objeto amado torna-se inerte, e o bebê confronta-se com uma presença sem resposta — o rosto da mãe está lá, mas sem olhar.

4.2 O COLAPSO DO INVESTIMENTO E O TRABALHO DO NEGATIVO

A retirada do investimento inaugura o que Green (1988) denominou **trabalho do negativo**. O campo simbólico se esvazia, e a criança experimenta uma impossibilidade de representar o que perdeu. Freud (2011), em **Luto e melancolia**, já descrevera o processo pelo qual o sujeito se identifica com o objeto perdido, internalizando sua ausência. Green, contudo, mostra que essa identificação pode ocorrer mesmo sem uma perda real: a mãe viva, porém emocionalmente morta, converte-se em um “núcleo morto” no interior do psiquismo infantil.

4.3 FALHAS DE SUSTENTAÇÃO E O SELF EM RISCO

Winnicott (1999) contribui para compreender o impacto dessa falha ao enfatizar que o bebê necessita de uma **mãe suficientemente boa** para constituir um *self* coeso. Quando a função de sustentação falha — como no caso da mãe morta —, a criança enfrenta experiências de aniquilamento e desintegração. Assim, o complexo da mãe morta pode ser entendido como uma ruptura radical na continuidade do ser.

Para Winnicott, o ambiente é fundamental na formação da subjetividade; logo, a ausência afetiva materna impede a emergência do verdadeiro self, resultando em defesas

precoces e em falsos selfs adaptativos. O sujeito passa a existir como se imitasse a vitalidade perdida, mantendo uma vida psíquica esvaziada de autenticidade.

4.4 A FALTA ESTRUTURANTE E A FALTA MORTÍFERA

Lacan (1998) havia concebido a falta como condição estrutural do desejo: é a falta que move o sujeito em direção ao Outro. Green, entretanto, distingue a falta estruturante — que possibilita o desejo — da falta mortífera — que o aniquila. A mãe morta simboliza essa segunda modalidade: um buraco que não abre para o desejo, mas o paralisa.

Essa diferença é crucial para a clínica, pois, enquanto o desejo implica movimento e simbolização, o vazio mortífero se traduz em estagnação psíquica. O sujeito não deseja porque não há mais objeto possível a ser investido; resta-lhe apenas o eco de um amor perdido que jamais se realizou plenamente.

4.5 O CORPO E A SOMATIZAÇÃO DO VAZIO

Kristeva (1989), ao abordar a depressão como um “sol negro”, descreve a invasão da psique por um luto sem objeto, onde a palavra se apaga e o mundo perde cor. A metáfora do sol negro expressa o caráter totalizante da dor psíquica e sua repercussão cultural. Já McDougall (1991) mostra como o corpo pode se tornar o palco dessa dor não simbolizada: quando o discurso falha, o sofrimento encontra via de expressão na somatização.

Dessa forma, o corpo repete o destino do psiquismo: torna-se cenário de uma ausência que não pode ser nomeada. O teatro do corpo substitui a cena psíquica, configurando doenças psicossomáticas como manifestações do trabalho do negativo interrompido.

5 CONCLUSÃO

O estudo reafirma a centralidade do conceito de **mãe morta** na compreensão das patologias do vazio que atravessam a clínica psicanalítica contemporânea. A contribuição de André Green (1988) permite compreender como a brusca retirada do investimento materno não apenas interrompe o fluxo simbólico, mas instala um núcleo morto internalizado, responsável por paralisar o pensamento e gerar estados de inexistência subjetiva.

Ao integrar as formulações de Freud (2011), Winnicott (1999), Lacan (1998), Kristeva (1989), McDougall (1991), Figueiredo (1999) e Voltolini (2005), observa-se que o conceito não se limita a um diagnóstico clínico, mas se inscreve no cerne da metapsicologia: articula o negativo, a falta e o desamparo como forças estruturantes da subjetividade.

O manejo clínico diante desses pacientes exige do analista uma posição de sustentação e paciência diante do silêncio, da apatia e da ausência. Não se trata de preencher o vazio, mas de permitir que ele se simbolize, transformando-se em espaço potencial para o surgimento do desejo e da criatividade.

Assim, o complexo da mãe morta permanece um dos conceitos mais fecundos da psicanálise contemporânea. Ele não apenas ilumina o sofrimento individual, mas também reflete as condições sociais de uma época em que a presença sem afeto e o excesso de ausência emocional se tornaram marcas de nossa cultura. Elaborar o negativo é, portanto, uma via de reconstrução da subjetividade e de reanimação do humano.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Luís C. **Psicanálise**: aspectos clínicos e institucionais. São Paulo: Escuta, 1999.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 12.

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Escuta, 1988.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro**: depressão e melancolia. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MCDUGALL, Joyce. **Teatros do corpo**: abordagem psicanalítica da doença psicossomática. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Figuras do excesso**. São Paulo: Escuta, 2005.

WINNICOTT, Donald W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.